

O AMOR DE JESUS VERSUS AS MALDIÇÕES DOS PROFETAS INQUISIDORES¹



“Aqui está o meu servo que escolhi, o meu amado a quem meu ser se agrada; porei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará justiça aos gentios. Não entrará em discussão, nem gritará, nem se ouvirá pelas ruas a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, e não apagará o pavio que fumeja, até que faça triunfar o a justiça; e os gentios terão esperança em seu nome.” (Mateus 12.18-21 – Almeida Século 21; cf. Isaías 42.1-4²)

Em termos de história, o final da Idade Média – período intermediário entre a Idade Antiga e a Idade Moderna – ficou

conhecido como “Idade das Trevas”, visto que houve uma parada no desenvolvimento cultural e artístico e na produção econômica. Essa época foi marcada pelo domínio absoluto da Igreja Católica Romana sobre o conhecimento, proibindo a difusão de qualquer conteúdo que contradissesse os seus dogmas. A maioria das pessoas era analfabeta e não havia como estudar. O estudo era privilégio de uns poucos, geralmente monges, que passavam os dias em mosteiros copiando livros manualmente.

Como nesse período as pessoas não tinham acesso ao conhecimento, por consequência não havia entre elas o desenvolvimento do senso crítico. O inconsciente coletivo das pessoas era manipulado e moldado conforme o bel prazer do clero religioso, que sempre se justificava apelando para o espiritual e sobrenatural. Em nome de Deus chegou-se a vender perdão de pecados, pedaços da cruz de Cristo e até mesmo pedaços dos ossos do jumento que levou Jesus para Jerusalém. Visitar túmulos de santos era uma prática que estava na moda.

As Escrituras Sagradas eram distorcidas para atender as demandas financeiras e de poder da Igreja Romana – que pelo fato de ser detentora de todas as formas de estudo e educação, tornou-se a formadora de todas as opiniões. Com esse poder a educação, a literatura e as artes foram influenciadas por temas religiosos. A arquitetura barroca³ é grande exemplo disso onde, com receio de perder os

¹ O termo **Inquisição** refere-se a várias instituições dedicadas à eliminação das heresias no meio da Igreja Católica. Os condenados pelas heresias eram muitas vezes responsabilizados por uma "crise da fé", pestes, terremotos, doenças e miséria social, sendo entregues às autoridades do Estado, para que fossem punidos. As penas variavam desde confisco de bens e perda de liberdade, até a pena de morte, muitas vezes na fogueira, método que se tornou famoso, embora existissem outras formas de aplicar a pena.

² Este é o primeiro dos quatro “Cânticos do Servo” de Isaías. Os cânticos posteriores são Isaías 49.1-9, 50.4-11 e 52.13-53.12 (alguns adicionariam 61.1-3, embora o termo “servo” não apareça ali).

³ **Barroco** é o nome dado ao estilo artístico que floresceu entre o final do século XVI e meados do século XVIII, inicialmente na Itália, difundindo-se em seguida pelos países católicos da Europa e da América, antes de atingir, em uma forma modificada, as áreas protestantes e alguns pontos do Oriente. (Wikipédia)

fiéis para o paganismo (e também com o intuito de gerar o medo e a subserviência na mente nas pessoas), a Igreja Católica Romana reproduziu o Diabo como um ser de cor vermelha, com feições humanas, mas com chifres, rabo pontiagudo e um tridente na mão, para remeter a um cetro.

Quando nos voltamos para as igrejas evangélicas do século XXI a impressão que temos é que, em termos espirituais, as igrejas retrocederam àquele período. Abandonamos os pressupostos teológicos sadios e abraçamos com ânsia o imaginário medieval. Quem crê que uma boa teologia é fundamental para crescimento sadio da igreja é logo taxado de herético, crítico ou até mesmo rebelde.

No meio desse confuso e obscuro cenário surgem os profetas inquisidores do nosso tempo. São líderes religiosos que consideram as profecias que anunciam como maiores que a própria Palavra de Deus. Da boca desses falsos profetas se ouve frases como: “*Eu sou um profeta levantado por Deus!*”, “*Deus me manda dizer, e assim como eu digo, será!*”, “*Chegou o tempo em que Deus vai purgar a igreja e expelir todo o joio do seu meio!*”, “*Preparem-se, porque virão sobre vocês tempos difíceis e tenebrosos!*” etc. O curioso é que esses profetas do juízo e das maldições divinas não aceitam que as palavras (profecias) deles sejam questionadas, mesmo que o apóstolo Paulo nos tenha deixado tal recomendação:

“*Não desprezeis as profecias, mas, examinando tudo, conservai o que é bom.*” (1 Tessalonicenses 5.20-21 – Almeida Século 21; cf. Atos 17.11)

O simples fato de eu ler a Bíblia antes de iniciar uma pregação não torna o meu sermão bíblico. As Sagradas Escrituras podem ser a Palavra de Deus diante dos meus olhos, mas quando passam por mim e saem através dos meus lábios elas podem deixar de ser a Palavra de Deus para serem apenas palavras oriundas de mim mesmo.

Devemos ser uma massa evangélica e não uma massa de manobra. A Palavra de Deus é suficiente para nos assegurar equilíbrio emocional e espiritual. É suficiente para nos emancipar das sombras da Idade Média espiritual e nos fazer maduros em Cristo. Mas para que isso aconteça **a igreja precisa pregar o Evangelho e não sobre o Evangelho**. E os pregadores precisam entender que suas funções são apresentar o cristão maduro diante de Deus e pregar um Evangelho cristocêntrico e descontaminado.

Além de uma liderança eclesiástica inquisidora, convivemos também com comunidades formadas por uma massa de crentes inquisidores. Da boca desse tipo de pessoa, que ignora por completo a ordem expressa do apóstolo Paulo que disse: “*abençoi e não amaldiçoeis*” (cf. Romanos 12.14), surgem frases malditas do tipo: “*Deus trará juízo sobre a sua vida!*”, “*Deus vai te castigar e colocá-lo sobre um leito de dor!*”, “*A sua casa estará debaixo da ira divina!*”, “*O seu sofrimento é a recompensa de Deus pelos seus atos!*”, “*Deus vai pesar a mão dEle sobre a sua vida!*” etc.

Também não podemos deixar de mencionar que, além de lideranças e comunidades inquisidoras, há também indivíduos inquisidores. São pessoas que possuem uma imagem totalmente deformada e

equivocada sobre a pessoa de Deus, a ponto de O terem como um Ser que se satisfaz com a dor e o sofrimento da humanidade. Indivíduos assim, quando passam por momentos ou situações difíceis, costumam dizer: “*Foi Deus quem quis que isso acontecesse comigo!*”, “*Essa tragédia foi da vontade de Deus!*”, “*Sofro porque não sou tão especial para Deus como aquela pessoa!*”, “*Minha vida é assim porque Deus está me punindo por algo que fiz no passado*”. Mas louvado seja Deus porque quando nos deparamos com a pessoa do Senhor Jesus Cristo, nos deparamos com a fonte de um Amor imensurável, inesgotável e repleto de misericórdia. A profecia de Isaías, citada pelo apóstolo Mateus, revela a nós um Jesus que:

1. Não aflige aquele que já está ferido – “[*Ele*] não esmagará a cana quebrada” (v. 19). A metáfora da “cana quebrada” se refere àqueles que se sentem fracos e necessitados. Jesus não acrescenta sofrimento à sua dor. Pelo contrário, Ele quer derramar bálsamo curador sobre as nossas feridas. O deus que derrama o cálice da ira sobre pessoas fracas e desamparadas, que assiste passivamente o verter das lágrimas geradas pela angústia e pelo sofrimento não é o Deus bíblico. Esse é o deus dos fariseus modernos e da religião. Esse é o deus do servo infiel (cf. “Parábola dos Talentos”) que, dizendo conhecer Deus, acreditava que Ele era um ser duro, sem compaixão e que atemorizava as pessoas (cf. Mateus 25.24-25). Quem crê assim está tremendamente equivocado. O Deus bíblico é Aquele que se revela através de carinho, encorajamento, justiça e verdade. Quando você se sentir derrotado e ferido em sua vida espiritual, Deus não pisará em você; antes, gentilmente o acolherá.

2. Não extingue a sobra de vida que há em nós – “[*Ele*] não apagará o pavio que fumeja” (v. 19). O “pavio que fumeja” representa pessoas que estão próximas de perder a fé e a esperança. Ainda que nos sintamos como escória da sociedade ou como lixos humanos existenciais, Deus se importa conosco. Ainda que não encontremos razões para viver, há um espaço reservado para nós no coração de Deus. Jesus não veio ao mundo apenas **para** morrer na cruz e nos livrar da condenação do Inferno. Jesus não veio ao mundo apenas para nos deixar um exemplo de vida a ser seguido. Jesus veio ao mundo “*porque Deus amou o mundo*” (cf. João 3.16) e a nós que vivemos nele.

Se Jesus que é Deus e Senhor de todos os atos de justiça age dessa forma, por que nós, que dizemos que somos filhos dEle, agimos de forma tão contrária? Se Jesus não esmaga a pessoa ferida, por que nós nos julgamos no direito de macerar a vida uns dos outros? E isso muitas vezes em nome de Deus? Por que ao contrário de Deus, que não desiste de nós, só nos sentimos saciados quando excluímos alguém do convívio na comunidade⁴? Por que agimos como tubarões da fé, sedentos pelo sangue alheio? Ao contrário do que está narrado em Mateus 12.19, por que nos sentimos tão bem em participar de discussões, contendas, gritarias e confusões que expõem o Evangelho de Cristo à

⁴ Certa vez, por causa de um pecado cometido, Davi teve que escolher uma entre três tipos de punição: a) sofrer **três anos** de fome; b) sofrer **três meses** de derrota diante dos inimigos; ou c) sofrer **três dias** os efeitos da espada do SENHOR. Sem precisar pensar muito, Davi escolheu cair nas mãos do SENHOR “*porque são muitíssimas as suas misericórdias*” (cf. 1Crônicas 21.11-13).

vergonha? Por que não temos a mesma disposição em abrir a boca para abençoar outra pessoa, como temos para ofendê-la? Por que agimos de forma tão diferente daquela que Jesus nos deixou como exemplo? Falta-nos fazer esse tipo de reflexão.

Uma vez alguém viu uma foto do meu filho Lucas Daniel e me disse: “*ele é a cara do pai*”. Ao ouvir isso, fiquei a imaginar que nós temos cara de tudo: “cara de crente”, “cara de santo”, “cara de pau”... Mas não temos a “cara do Pai”. As nossas atitudes, na maioria das vezes, não se assemelha em nada às atitudes de Cristo. Verdadeiramente não somos dignos de carregar o rótulo de cristão (cf. Atos 11.26).

Ainda que o leitor venha discordar da minha forma de pensar, a meu ver a igreja evangélica brasileira não pode entoar a canção “Corpo e Família”⁵ sem mentir ao mesmo tempo para si mesma e para Deus. Ela não pode declarar que “*somos corpo e assim bem ajustado, **totalmente ligados, unidos, vivendo em amor. Uma família sem qualquer falsidade, vivendo a verdade, expressando a glória do Senhor. Uma família vivendo o compromisso do grande amor de Cristo. Eu preciso de ti, querido irmão. Precioso és para mim, querido irmão***”, sem correr o risco de ser chamada de hipócrita.

Se quisermos ser guiados e direcionados pelo Espírito Santo de Deus, precisamos estar cientes de que **o Espírito Santo só trafega sobre os trilhos da unidade**. Em sua oração sacerdotal o Senhor Jesus expressou o desejo pessoal de que nós sejamos “perfeitos em unidade” (cf. João 17.23) para que, segundo Ele, “*o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim*”. Muitas pessoas não acreditam ou desconfiam do amor de Deus em relação a elas por causa de nós, por causa principalmente das nossas atitudes diante daqueles a quem chamamos de “irmãos em Cristo”.

A passagem bíblica ainda afirma que “*os gentios [todos aqueles que não são judeus] terão esperança em seu nome [Jesus]*” (cf. Mateus 12.21). **Esperança é o ato de aguardar em Deus com expectativa**. É estar ciente que, a qualquer momento, a intervenção divina surgirá. É como o salmista declarou em um de seus louvores a Deus:

“*O SENHOR está perto dos que têm o coração quebrantado; Ele salva os de espírito arrependido.*”
(Salmo 34.18 – Almeida Século 21)

Jesus está sempre conosco (cf. Mateus 28.20) e nos socorre em tempos de adversidade. Contudo, nós que temos até certa destreza em acreditar que Deus ouve as nossas orações, não conseguimos crer, com a mesma facilidade, que Deus responde a essas mesmas orações (cf. Jeremias 33.3).

Deus quer nos encher de esperança, mas também quer que nós sejamos canal de esperança e fé para as pessoas que nos cercam. O apóstolo Paulo ensina que Deus “*nos consola em toda a nossa tribulação,*


⁵ “**Corpo e Família**”. J. C. Edições. Música de Daniel de Souza e interpretação de Priscila Angel. Álbum: O Melhor do Gospel Nacional – Volume 1, AB Records.

para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus” (2Coríntios 1:4). Deus nos valoriza, mas Ele também espera que valorizemos as pessoas ao nosso lado, pessoas essas que fazem parte da nossa vida e da nossa história.

Houve um homem que vivia no belo país do Irã. Ele era fazendeiro e estava contente com a situação em que vivia. Mas ao ouvir falar que em regiões montanhosas era possível encontrar diamantes. O fazendeiro vendeu a fazenda, confiou esposa e filhos aos cuidados de um vizinho, e se lançou em sua jornada à procura de diamantes. Porém, não encontrou nada. Profundamente deprimido, o fazendeiro se lançou ao mar e morreu.

Nesse ínterim, o homem que adquiriu a fazenda que pertencia ao fazendeiro, dava de beber ao seu camelo em um riacho da fazenda quando descobriu a maior mina de diamantes da história da humanidade: a Mina de Diamantes Golconda, de onde foi extraída parte das joias da coroa da Inglaterra⁶.

A lição é clara. Os diamantes estavam lá, o tempo todo, no quintal do fazendeiro. Só que ele não os vira. Muitas pessoas buscam socorro e abrigo em pessoas que são de fora, muitas delas desconhecidas. Não percebem que a ação de Deus também pode vir através de pessoas que sempre estiveram debaixo do seu nariz, em seu próprio quintal. Sendo assim, precisamos valorizar as pessoas que Deus colocou ao nosso lado e em nossa vida.

 Reflexão baseada no sermão – de mesmo título – ministrado em 15/01/2012, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária – São Paulo/SP.

⁶ Cf. <http://porcausadaflor.wordpress.com/2011/05/27/a-mina-de-golconda/>